

Diário de Petrópolis, 13 de Fevereiro de 2023

A Lição da Concorrência entre o ChatGPT e o Google

Por: Ronaldo Fiani

Além da crise das gigantes digitais, as chamadas big techs, que abordei no artigo passado, a imprensa vem destacando a novidade do ChatGPT, e a ameaça que representaria para o mecanismo de busca do Google, que hoje detém praticamente o monopólio das buscas na internet. Estima-se que, em janeiro de 2023, enquanto o Google representou 92,9% dos acessos mundiais a mecanismos de busca na internet, o Bing da Microsoft respondeu por 3,03% e o Yahoo por 1,22% (<https://gs.statcounter.com/search-engine-market-share>).

O ChatGPT foi lançado em novembro do ano passado, e atingiu um milhão de usuários em menos de uma semana, o que levou os analistas a considerarem o programa um concorrente do mecanismo de busca do Google. Com o emprego de Inteligência Artificial, o ChatGPT permite diálogos, produz textos respondendo a perguntas e é capaz de gerar conteúdo, como um artigo jornalístico, um trabalho escolar, poesia e e-mails. A ameaça é concreta, tanto que o Google anunciou que vai lançar um programa equivalente, o Bard (<https://www.metropoles.com/brasil/ciencia-e-tecnologia-br/chatgpt-ganha-concorrenca-do-google-que-anuncia-o-seu-chatbot-bard>).

O caso do ChatGPT ilustra o fato de que a competição no capitalismo é essencialmente competição por meio de inovação, e não por meio dos preços, como afirma a teoria econômica convencional. Os economistas que seguem esta

abordagem convencional e as empresas que acreditam apenas na competição por preços não entenderam o sistema em que vivemos.

O ideal de competição na teoria econômica convencional é descrito pelo chamado modelo de concorrência perfeita. Neste modelo todos os consumidores sabem tudo o que acontece no mercado (portanto, ninguém compra por um preço maior quando o mesmo produto é oferecido por outro vendedor a um preço menor); os produtos são homogêneos, isto é, são iguais, mesmo sendo de fabricantes diferentes (assim, os consumidores não mostram preferência por fabricantes ou marcas, o que permitiria aos produtores com mercadorias mais desejadas cobrar preços mais elevados que os demais); qualquer empresa pode começar a produzir qualquer produto se for lucrativo, sem desvantagens de custos em relação a quem já está produzindo o produto em questão e, por último, todos os produtores são muito pequenos em relação à demanda, de forma que nenhum deles consegue forçar uma elevação do preço reduzindo a quantidade oferecida do seu produto.

O leitor já deve ter percebido que o modelo de concorrência perfeita é um modelo ideal, e que os mercados na economia real são muito diferentes. Mas isto não impede que economistas de formação convencional verdadeiramente idolatrem este modelo, e que o empreguem como base para propor medidas em relação à economia real. Porém, se a economia real se adequasse ao modelo de concorrência perfeita, a principal forma de competição no capitalismo, que é a competição por inovações, desapareceria!

A razão é que o lucro em uma situação de concorrência perfeita seria muito pequeno, pois, dadas as condições que descrevi acima, a competição por preços atingiria a sua intensidade máxima, o que obrigaria as empresas a baixar os seus preços até um valor muito próximo de seus custos de produção. Ocorre que a teoria econômica moderna mostra que inovações são o resultado da combinação

de oportunidade com incentivo. Oportunidade diz respeito à disponibilidade de recursos financeiros para investir em pesquisa e desenvolvimento (P&D) de novos processos produtivos, ou de novos produtos. Incentivo diz respeito à pressão que as empresas sofrem para tentar obter vantagens em relação aos seus concorrentes, seja com a introdução de processos produtivos mais modernos e eficientes, seja com produtos mais desejados pelos seus consumidores.

Como o investimento em P&D é arriscado, as empresas precisam acumular fundos próprios para, ao menos, bancar parte deste investimento. Como em uma hipotética situação de concorrência perfeita os lucros são exíguos, não há a oportunidade para investir em P&D, ainda que haja o incentivo, pois a concorrência é intensa. Por isso o capitalismo teria há muito mergulhado em uma profunda estagnação, se sua realidade fosse aquela descrita no modelo teórico de concorrência perfeita.

Por outro lado, quando há poucas empresas em um setor, ou há apenas uma empresa, que atua praticamente como monopolista (como é o caso do mecanismo de busca do Google), pode parecer que há poucos incentivos para que sejam desenvolvidos novos processos produtivos, ou novos produtos, ainda que haja a oportunidade para investir em P&D, pois no caso do oligopólio e ainda mais no monopólio, os lucros são elevados. Afinal, neste caso temos grandes empresas, que parecem ser invulneráveis. Todavia, não é assim. No caso de poucas empresas, os chamados oligopólios, embora as empresas evitem competir por preços como descreve o modelo de concorrência perfeita, há intensa competição por meio da introdução de novos processos produtivos, como forma de reduzir os custos e aumentar os lucros (por exemplo, com robôs); e também pela introdução de novos produtos mais valorizados pelos consumidores (como os smartphones). A disputa que está surgindo entre o Google e o ChatGPT mostra do mesmo modo que, mesmo no caso de

monopólios, os incentivos para inovar e tentar desbancar um monopolista são fortes.

A competição pela inovação é a essência do sistema capitalista em que vivemos: nossos economistas e nossas empresas precisam aprender esta lição com urgência!

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-230652>